

I

Eis aqui a rua e a voz estranha que me escreve.

Nas minhas frases, rua
é um campo magnético-vibrante, não passagem multímoda
que, a cada momento, transforma o visível em menos evi-
dente

Eu escrevo esse lugar secreto de repulsa e de atracção,
onde nada se cruza,
tudo gira, tudo e nada são apenas libidos se experimen-
tando.

É na grande cidade e nessa rua que procuro *onde come-
ça a voz dela a brotar corpo e libido*, e nem sempre encon-
tro onde, mas em sonhos minhas imagens já a viram mui-
tas vezes jorrando, a borbulhar de emoção fria e firme,
com o fio da vida preso às asas

minhas imagens? Olhai como se lançam inadvertidamente
da janela da frase,

_____ uma impulsão suave as leva; voam, sem medo de cair, rodopiam, em bandos ou sozinhas, pombas? Sim, como pombas ou papagaios de papel, podeis ler,
e regressam às frases, sãs e salvas;
trazem-me escrita
aquela-que-vê-não-se-vê, e eu escrevo

sou sua prótese,
o *se* desse olhar.
O *se*? Sim, observações pertinentes e indeléveis que, passo a passo, a fazem crer que
rua e caminho
são meras coincidências,

só há caminho no vasto universo das minhas imagens.

Não anda de criança ao colo, não traz cabaz de compras ou amante ou amigo ou amiga,
nem procura lugar para arrumar o carro,

não olho montras, cartazes ou publicidade,

não ouve pregões ou relações de interesse,

não procuro leitores nem relações de famílias, literatura, cultura ou coração despedaçado de personagem,

não viaja com cartão de crédito ou telemóvel

Em suma, nasço da ponta de um lápis,
como qualquer texto venho de um sexo que se ignora,
algures, deve haver um legente ou companhia,

é quanto basta para que minhas imagens corram à frente dela.

Estranha, de facto, é a voz que me escreve,
sai para a rua à procura dos seus livros, dos animais deles,
das árvores deles, dos prédios deles, cumulados de dias e
desposuídos de noites,

não vai a lado algum, todos os lados se equivalem à parti-
da, sai

para o seu passeio solitário,
põe os brincos de sair, fecha a porta em Sintra e abre a por-
ta em Lisboa, enquanto abre e fecha, muda de corpo, tran-
sita para o dissemelhante
ignora onde encontrará força ou será o lugar da sua morte,

é raro um corpo não passar vezes sem conta pelo lugar da
sua crisálida final,
como passam atrasados pelo lugar do amor, um pouco mais
cedo ou mais
breve, e o olhar ficaria para sempre preso ao para sempre
da sua luminosidade,
assim não acontece, o milagre é extremamente raro por im-
preparado,

isso eu escrevo, a escrevemos por imagens, enquanto a se-
guimos como
se nos sonhasse,

a atenção que exijo dela a todos os detalhes presentes
quebra-lhe a memória; abre a porta

e entra pela Domingos Sequeira que faz cair sobre os seus ombros o declive doce do seu traçado. Ergue a cabeça e, sem precisar de mover o corpo, move-a para o Largo,

olho a rapariga que, nesse instante, a aborda _____ se tudo é susceptível de sofrimento, as pequenas vibrações coloridas e imagéticas que dela emanam são flocos que neutralizam e afastam as dores, andavam a pairar no Jardim da Estrela como flores susceptíveis de fluir, num movimento ora regular, ora disperso, para as ruas e passeios das suas margens,

rodearam a rapariga que se abeira, nesse preciso instante, sem que o saiba, são uma acção conjunta de rua, medem a velocidade do escoamento de luz no Largo, onde Basílica, carros eléctricos, automóveis e as minhas próprias imagens absorvem radiações da fluorescência

por aquela voz estranha que me escreve perpassa o pensamento de que a natureza renunciou a pronunciar-se por palavras ou actos

e, enquanto mantém a cabeça voltada, a natureza imobiliza-se; aliás, já estava imobilizada, antes mesmo de ter lançado o seu olhar abrangente a todo o Largo,

fecha os olhos

e as imagens voltam à frase, perplexas _____ é incompreensível como a natureza se entrega cegamente ao olhar humano

se ver (para a penumbra em que vive a que me escreve) é
indissociável do pensar,
exijo que procure o que resta de luz e de contraluz em to-
dos os recantos daquele Largo,
que cada objecto objective a minha existência naquele olhar

nos seus bastonetes caules de flores sombrias,
porque aparecer,
porque desaparecer,
sob o ângulo do corpo humano,
é a mais alta experiência da vida.

II

Vejo este passeio totalmente nu através do pensamento
dela,
chama-lhe *Cantileno* _____ à melopeia
ausente do raiar do dia presente nos seus pés caminhando,
calmos, pela cidade

difícilmente haveria um nome mais adequado para o im-
pacto do dia nas minhas imagens, nessa hora em que
o estridor das casas é perfeitamente audível,
os automóveis passam lentamente,
a contemplação rebenta,
o som esmorece,
a árvore oculta um vulto, mendigo ou amante, pouco importa,
e a luz está ainda por decidir,

em suma, o não-dito expressa-se soberanamente e pisa to-
das as coisas banais que encontra a voz estranha que me es-
creve: